

Avaliar para diferenciar. Diferenciar para aprender

In: "Pensar avaliação, melhorar a aprendizagem"/IIE
Lisboa: IIE, 1994

AS DIFERENTES MANEIRAS DE APRENDER

É sabido que as pessoas não aprendem todas da mesma maneira. No entanto vale a pena reflectir um pouco sobre as diferentes formas de aprender. A *lista de verificação* que se segue poderá ser o ponto de partida para essa reflexão. Poderá ser proposta a uma turma como base para um pequeno trabalho de investigação.

LISTA DE VERIFICAÇÃO

A. Quando estudas ou preparas as lições:

1. Fazes resumos do que estudaste.....
2. Preferes tomar apenas algumas notas.....
3. Sublinhas, no livro, o mais importante.....
4. Fazes esquemas das matérias.....
5. Lês em voz alta a matéria.....
6. Lês, em silêncio, a matéria.....
7. Costumas consultar outros livros, como, por exemplo, a enciclopedia ou o dicionário.....

B. Quando tens dificuldades em compreender:

1. Procuras informar-te consultando livros na biblioteca
2. Pedes apoio aos teus colegas.....
3. Recorres ao auxílio dos teus pais.....
4. Contas com o apoio de outro familiar.....
5. Preferes pedir ajuda ao professor da disciplina em que sentes dificuldades.....

6. Recorres a um professor que costuma ajuda-te
7. Recorres a outra pessoa.....

Explicita quem _____

C. Na sala de aula aprendes mais quando:

1. O professor expõe a matéria.....
2. O professor escreve sínteses no quadro.....
3. Percebes claramente o que o professor quer.....
4. Tens tempo para pensar e podes discutir os assuntos com os teus colegas, chegando tu próprio às conclusões.....
5. São apresentados filmes ou diapositivos.....
6. As aulas são orientadas por fichas de trabalho.....
7. Participas num projecto e te cabe fazer uma comunicação à turma sobre o tema estudado..

D. Ficas a saber o que aprendes:

1. Na sala de aula.....
2. Em visitas de estudo.....
3. Em trabalhos de campo.....
4. Em programas culturais da TV.....
5. Pesquisando em bibliotecas.....
6. Realizando experiências.....
7. Fazendo entrevistas e inquéritos.....

A análise dos resultados da *lista de verificação* provavelmente confrontará o professor com a necessidade de praticar uma diferenciação pedagógica para ir de encontro às diferentes formas de aprender dos seus alunos. Diferenciar é, por definição, dar uma atenção individualizada a cada aluno, é tratar os alunos de uma maneira **diferente**, consoante as suas necessidades.

Mas como identificar correctamente as dificuldades dos alunos e saber o que convém melhor a cada um?

E como pode o professor, com várias turmas e excessivo número de alunos por turma, praticar a diferenciação do ensino para ir de encontro às diferentes maneiras de

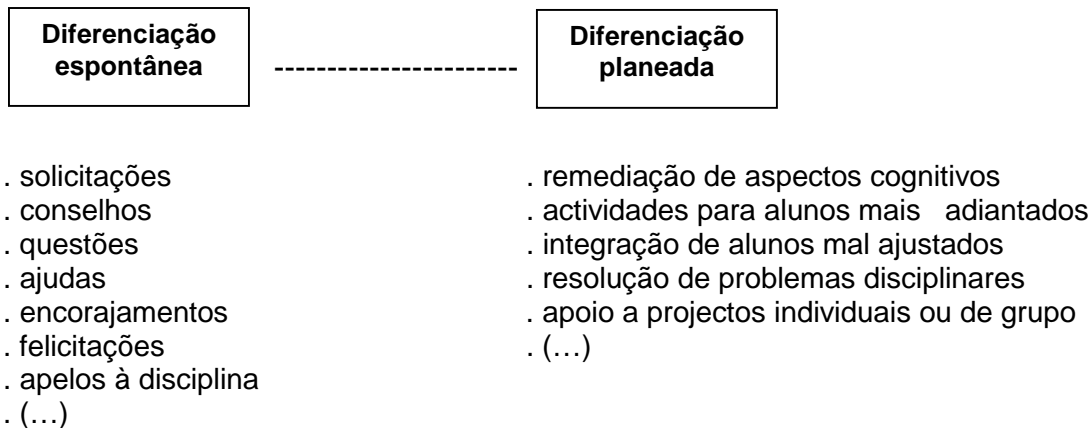
aprender?

No sistema de ensino há vários níveis de actuação, em alguns dos quais nós, professores, não podemos intervir. A questão correcta será então: **o que é que nós podemos fazer ao nível do sistema em que nos situamos?**

DA DIFERENCIAÇÃO ESPONTÂNEA À DIFERENCIAÇÃO PLANEADA

Os professores vão de encontro, muitas vezes, por intuição, às diferentes necessidades e potencialidades dos seus alunos. Isso acontece, por exemplo, quando fazem propostas de trabalho diferenciadas que podem traduzir-se em exposições orais, fichas de trabalho, debates, projectos, etc.

Para Perrenoud todas as formas de diferenciação concreta do ensino situam-se num *continuum* entre dois pólos.



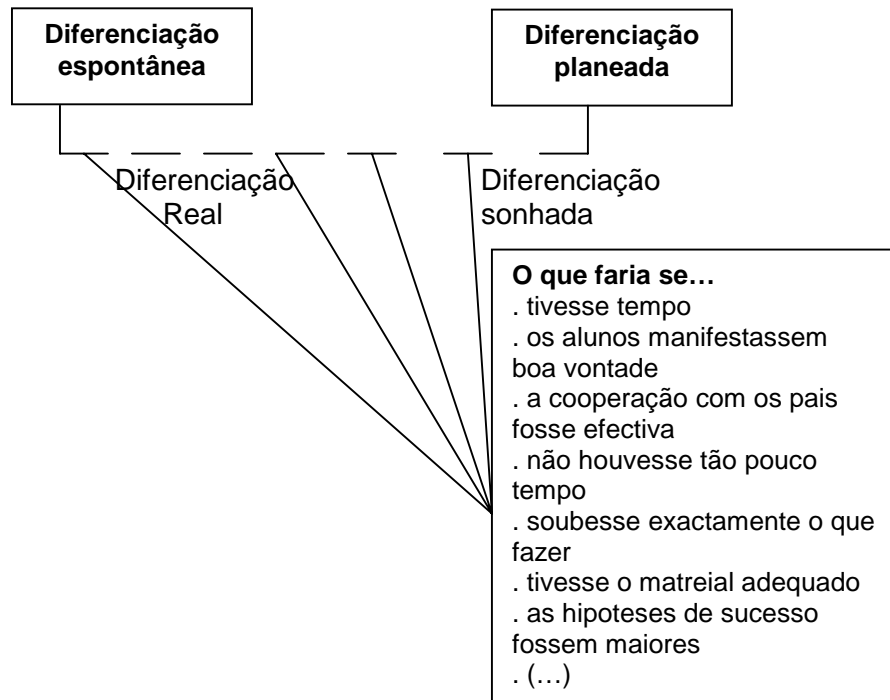
No primeiro pólo situar-se-iam as intervenções imediatas, muitas vezes espontâneas, que o professor utiliza face à diversidade de atitudes, ritmos de participação, esforços, dificuldades... dos diferentes alunos. Esta forma de diferenciação é limitada pela falta de tempo e pela necessidade que o professor sente de se ocupar de todos os alunos em simultâneo, não permitindo, assim, senão ajustamentos superficiais e circunstanciais.

No outro pólo situar-se-iam as intervenções mais ambiciosas, que levam mais tempo, necessitam de maior controlo e de mais apoios. Neste caso, face a um aluno com problemas singulares e de uma certa importância, o professor esforçar-se-á por identificar os dados do problema, procurar soluções e pô-las em prática.

Situar-se-ão mais próximas do primeiro pólo as acções mais rápidas e muitas vezes inconscientes, e mais próximas do segundo as acções que exigem mais tempo, tranquilidade e reflexão. O que determina a actuação mais próxima de um ou outro pólo será o tempo, a energia disponível, a ocasião e a gravidade da situação.

A DIFERENCIAÇÃO COMO UTOPIA

Muitas vezes a diferenciação existe apenas na cabeça do professor. São os sonhos pedagógicos que, no entanto, lhe tomam tempo, mobilizam energias e o tornam indisponível para outras actividades, mas que não deixam de ter reflexo na acção concreta.



Os sonhos de diferenciação fazem avançar a reflexão do professor, integram-se na sua experiência tal como a acção concreta, ensinam a fragilidade de certas esperanças, podem renascer numa situação análoga e dessa vez realizarem-se. São os sonhos da diferenciação que alimentam os desejos das reformas educativas, o sonho de uma outra escola. No entanto, os sonhos de diferenciação podem ser vividos com uma certa frustração e até culpabilidade por parte do professor quando, entre o que sonhou e o que conseguiu realizar, existe uma grande distância. Se se pensa que se pode fazer alguma coisa é-se responsável por não se fazer nada ou pelo fracasso do que se faz. É muito mais confortável atribuir a impossibilidade da acção ao peso das estruturas.

Mas, ainda para Perrenoud, **sonhar a diferenciação é a condição essencial para a tornar realidade. De sonho em sonho se pode ir mais longe.**

O QUE FAZER? COMO FAZER?

Fazer uma pedagogia diferenciada à escala de uma turma pode ser um trabalho de vários anos. Querer fazer tudo duma vez pode ser o caminho mais rápido para abandonar todos os sonhos de diferenciação e regressar às rotinas.

É importante evitar a dispersão, o querer fazer-se tudo com todos os alunos. É preciso saber escolher, dar prioridade ao mais urgente, fixar objectivos razoáveis, limitar as ambições a certas noções fundamentais, não tomar a cargo todos os alunos com dificuldades ou todas as dificuldades de cada aluno.

É fundamental construir e organizar materiais diversificados, auto-descritivos e auto-correctivos, para ter todos os alunos ocupados quando se presta especial atenção a alguns. É necessário ainda negociar regras de funcionamento nestas circunstâncias que permitam uma dinâmica com um mínimo de disciplina bem compreendida.

É urgente fazer uma avaliação lúcida das aquisições e das lacunas dos alunos, praticar com eles uma avaliação formativa, embora os dados que se reenviam aos interessados, alunos e pais, devam ser doseados em função dos seus possíveis efeitos (des)mobilizadores.

Diferenciar é correr riscos, sair da norma, sem nenhuma certeza de ter razão ou chegar a resultados visíveis.

O tempo necessário para criar relações de confiança com os alunos, para os reconciliar com a escola, para reconstruir noções de base... leva muitas vezes ao não cumprimento integral dos programas, o que poderá criar angústias difíceis de gerir.

Por outro lado, não se devem esperar resultados espectaculares, pois a aprendizagem é um processo lento quando é preciso reconstruir estruturas ou motivações profundas que não dependem só da acção do professor. É necessário estar consciente do facto de que muitas coisas em pedagogia são razoáveis no papel, mas muito difíceis de gerir na prática e de que cada nível do sistema tem a sua própria lógica, o que muitas vezes conduz a conflitos inevitáveis.

Em pedagogia não há receitas. Cada um tem que construir o seu próprio sistema de diferenciação.

Cada professor deve aceitar as suas próprias contradições. Quem pode estar absolutamente esclarecido e certo sobre o insucesso, a igualdade, a justiça, a diferenciação? Quem poderá estar certo de ter encontrado as estratégias mais eficazes? E como fazer quando o que parece mais eficaz não agrada aos alunos, aos pais ou ao próprio professor? Como identificar correctamente as dificuldades dos alunos e saber o que convém melhor a cada um quando os instrumentos de observação e de regulação ainda são pobres e pouco diversificados?

Não se podem cruzar os braços até surgirem opções claras em termos de diferenciação e todos os meios necessários para as concretizar. É que, por um lado, todo o sistema educativo necessita, para evoluir, de experimentações múltiplas; por outro lado, para se poderem exigir condições de trabalho, recursos, flexibilidade de horário, individualização da avaliação, é necessário experimentar, conhecer os obstáculos estruturais, caso contrário é falar no abstracto.

É importante discutir o trabalho a realizar com os alunos e com outros intervenientes no processo educativo, com o objectivo não só da partilha de responsabilidades, mas também como forma de todos encontrarem sentido e interesse no que fazem. Pode ser útil conhecer experiências de outros graus de ensino, de outras escolas e de outras organizações como fonte de inspiração para as soluções singulares e como forma de alargar o espaço educativo. E sobretudo, acreditar que nenhum esforço se perde a longo prazo e que o caminho se encontra ao caminhar.

SUGESTÃO DE ACTIVIDADE

Em grupos formais ou informais:

1. Procurem inventariar o que já conseguiram fazer em termos de diferenciação, o que gostariam de fazer, e os meios de que necessitariam para isso.
2. Eliminam tudo aquilo que não depende de vós. Do que ficar, procurem estratégias para tornar a diferenciação uma realidade.
3. Tentem recordar experiências de diferenciação inacabada ou sonhos que não se realizaram utilizando o método de relatos autobiográficos. Tentem compreender porque é que os sonhos abortaram.

BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA

Allal, L., Cardinet, J. e Perrenoud P. (1986). *A avaliação formativa num ensino diferenciado*. Coimbra: Livraria Almedina.

Perrenoud, P. (1985). *La différenciation rêvée*. Genève: Service de la Recherche Sociologique.

Perrenoud, P. (1986). *Differencier tout de suite!*. Genève: Service de la Recherche Sociologique.

Perrenoud, P. (1992). *Organiser l'individualisation des parcours de formation: peurs à dépasser et maîtrises à construire*. Genève: Faculté de Psychologie et de Sciences de l'Education et Service de la Recherche Sociologique.

Coordenador do Projecto: Domingos Fernandes

Autores: Maria José Ferraz, Alda Carvalho, Conceição Dantas, Helena Cavaco, João Barbosa, Lourenço Tourais, Natividade Neves